

A GESTÃO AUTÔNOMA DA MEDICAÇÃO EM SAÚDE MENTAL – RELATO DE EXPERIÊNCIA¹

**Tamara Grando², Daniela Danisa Perassolo³, Fabiane De Lima⁴, Karla Renata De Oliveira⁵,
Marília Busanello Wilges⁶.**

¹ Relato de experiência realizado no período de vivência em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), durante a Residência Multiprofissional em Saúde da Família, oferecida pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul e Fundação Municipal de Saúde de Santa Rosa

² Enfermeira. Residente do Programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Família UNIJUI/FUMSSAR, tamara.grando@hotmail.com

³ Assistente Social. Residente do Programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Família UNIJUI/FUMSSAR, daniperassolo@yahoo.com.br

⁴ Enfermeira. Profissional da Fundação Municipal de Saúde de Santa Rosa (FUMSSAR), atuante no Centro de Atenção Psicossocial Novo Rumo, enf.fabilima@yahoo.com.br

⁵ Farmacêutica. Mestre. Docente do Departamento de Ciências da Vida/UNIJUI, karla@unijui.edu.br

⁶ Assistente Social. Profissional da Fundação Municipal de Saúde de Santa Rosa (FUMSSAR), atuante no Centro de Atenção Psicossocial Novo Rumo, mawilges@yahoo.com.br

Introdução

No Brasil, até a década de 80, os hospitais psiquiátricos eram os principais locais de tratamento para pessoas com problemas mentais. A reforma psiquiátrica instituiu uma nova política de saúde mental, que teve como um de seus principais recursos, o desenvolvimento dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) para o tratamento em saúde mental na comunidade (ONOCKO-CAMPOS, et al., 2013). A partir de então, pode-se dizer que houve uma transição, de um modelo hospitalocêntrico para um modelo de saúde mental comunitária.

Apesar dos avanços da Reforma Psiquiátrica, a medicalização se mantém como prática ainda não reformada. A hospitalização e a renovação de receitas, muitas vezes sem a avaliação presencial dos usuários, são práticas cada vez mais comuns. Ao invés de evitar a interrupção do tratamento e garantir o cuidado, acabam tornando-se parte do problema, de forma que “os indivíduos acabam usando medicamentos por tempo indeterminado e submetidos a um cuidado fragmentado” (ONOCKO-CAMPOS, et al., 2011).

Um aspecto muito importante é a participação do usuário nas decisões relacionadas ao seu tratamento. A experiência singular e o significado do uso de medicamentos psicotrópicos para os usuários, raramente são levadas em consideração, uma vez que a participação destes nas decisões

Modalidade do trabalho: Relato de experiência

Evento: XV Jornada de Extensão

acerca do tratamento restringe-se, muitas vezes, apenas ao relato de seus sintomas (LOPES, et al., 2012). Tal fato ocasiona o baixo empoderamento e autonomia dos usuários em relação ao seu tratamento, com pouca informação e centralização das decisões nos profissionais de saúde.

Reconhecendo o contexto de utilização pouco crítica dos medicamentos nos tratamentos em saúde mental, foi desenvolvida em Quebec, no Canadá, uma nova abordagem de intervenção denominada Gestão Autônoma da Medicação (GAM).

A GAM é uma estratégia onde há alteração nas relações de poder, de modo a garantir aos usuários efetiva participação nas decisões relacionadas ao seu tratamento, tendo como fundamental o diálogo e a troca entre os envolvidos no cuidado em saúde mental. A proposta é de que os usuários tenham acesso às informações sobre seus tratamentos e assim possam reivindicar seus direitos, dialogando sobre o lugar que a medicação ocupa nas suas vidas, refletindo sobre a sua qualidade de vida, bem como reconhecendo o porquê do uso das medicações e os efeitos destes no organismo. Para isso, conta com o suporte de um material impresso – Guia GAM.

Este Guia foi desenvolvido no Brasil, a partir da proposta de Quebec, por pesquisadores da UNICAMP, UFRJ e UFRGS, e trabalhadores e usuários de Campinas/SP, Rio de Janeiro/RJ e Novo Hamburgo/RS, com financiamento do CNPq, que é o principal órgão de financiamento de pesquisas do Brasil.

O Guia GAM é um instrumento voltado ao cuidado compartilhado de medicamentos psiquiátricos, e é dividido em passos, onde o usuário é convidado a fazer um retrospecto de sua vida, para alcançar uma melhor qualidade. A dinâmica grupal do uso do Guia busca a partilha de experiências, a ajuda mútua, a busca de informações sobre os psicotrópicos e seus direitos enquanto usuários.

Nessa perspectiva, este estudo objetivou analisar as práticas em saúde mental, com foco na autonomia dos sujeitos em relação à sua própria medicação, utilizando-se da estratégia GAM.

Metodologia

Trata-se de um estudo descritivo e consiste em um relato de experiência, vivenciado por profissionais atuantes em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) e por profissionais integrantes do programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Família, oferecido pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, em parceria com a Fundação Municipal de Saúde de Santa Rosa/RS.

Realizou-se atividades grupais em um CAPS no município de Santa Rosa/RS. As coordenadoras da atividade foram duas enfermeiras. Os sujeitos que participaram dos grupos foram usuários do

Modalidade do trabalho: Relato de experiência

Evento: XV Jornada de Extensão

serviço de saúde mental. Organizou-se os participantes em dois grupos: o primeiro com usuários que apresentam depressão e outro grupo com usuários portadores de transtornos mentais graves.

Como apoio para o andamento dos grupos, foi utilizado o Guia GAM, que indicou a sequência de temas a serem abordados. Os critérios de inclusão dos usuários participantes foram: ser portador de transtorno mental grave ou depressão, manifestar vontade em participar do grupo, estar utilizando três ou mais psicotrópicos, ser alfabetizado e estar em tratamento e este não surtir efeito. Os critérios de exclusão foram: recusa em participar da atividade e não ser alfabetizado. O convite aos usuários foi feito nos espaços de atividades no CAPS, e a seleção dos participantes, de acordo com os critérios estabelecidos, realizou-se de maneira conjunta com os trabalhadores do serviço.

Iniciou-se a atividade em abril de 2014, encontrando-se a mesma ainda em andamento. Os encontros grupais são semanais, e conta com dez participantes, um total de cinco em cada grupo. O presente estudo relatará os encontros realizados no mês de abril e maio. Como já mencionado, a atividade segue de acordo com o Guia GAM, que é dividido em duas partes: a primeira etapa aborda a qualidade de vida dos usuários, instigando-os a conhecer e observar mais sobre si, ampliando sua autonomia, buscando também “conversar” sobre os medicamentos psiquiátricos. A segunda etapa busca um caminho para mudanças, inicia um planejamento de ações, bem como apresenta aos usuários informações sobre alguns medicamentos psiquiátricos, algumas interações medicamentosas e sobre algumas plantas medicinais. Além disso, utiliza-se ainda da Lei 10.216 – Lei da Reforma Psiquiátrica.

Será descrito, neste estudo, as atividades realizadas na primeira etapa do Guia GAM.

Resultados e discussão

Algumas pesquisas mostram que a oferta de tratamentos em saúde mental é, muitas vezes, apenas a oferta de medicamentos. Também apontam a falta de informação dos usuários sobre o que é prescrito e a não discussão sobre as medicações, seu uso correto e possíveis efeitos indesejáveis. (ONOCKO-CAMPOS, et al., 2012).

Como mencionado anteriormente, os participantes foram organizados em dois grupos e utilizou-se do Guia GAM para o correto andamento da atividade. No primeiro momento buscamos conhecer um pouco mais dos participantes utilizando-se das perguntas: “Como você se apresenta para quem quer conhecer um pouco de você?” e, “Como as pessoas que lhe conhecem costumam apresentar você?”. Respondendo a primeira pergunta, os usuários apresentaram-se como pessoas amigas, que ajudam o próximo e necessitam de cuidados. No que se refere à segunda pergunta, foi unânime a resposta, todos disseram que as outras pessoas os apresentam como “loucos”.

Modalidade do trabalho: Relato de experiência

Evento: XV Jornada de Extensão

No segundo momento, realizou-se uma conversa acerca da qualidade de vida dos usuários, onde foi discutido sobre a Reforma Psiquiátrica e criação dos CAPS. Quando questionados da importância do CAPS e a representação deste em suas vidas, descreveram-no como um lugar de tratamento e cuidado; um espaço de escuta e troca de experiências. Disseram sentir-se bem em frequentar o CAPS, bem como em participar das atividades ali ofertadas.

No decorrer dos encontros, conversamos sobre as medicações de uso psiquiátrico. Em ambos os grupos, ficou evidente a falta de informações e autonomia dos usuários acerca do seu tratamento medicamentoso. A grande maioria deles desconhecem os medicamentos de que fazem uso, o motivo pelo qual os utilizam e os efeitos destes no organismo. Organizou-se uma tabela, onde eles escreveram o nome das medicações, sua indicação, posologia e efeitos adversos. Muitos usuários relataram não sentir-se bem utilizando algumas das medicações, de modo que ficam sem ânimo, sonolentos ou então com insônia. Alguns deles disseram que quando ficam sem tomar a medicação sentem-se melhor, outros também afirmam isso, porém disseram que com o tempo pioram e acabam ficando mais medicados que antes.

Tendo em vista o objetivo da GAM, buscamos auxiliar na construção da autonomia dos sujeitos em relação aos seus tratamentos, de forma coletiva; assim como torná-los capazes de assumirem o protagonismo de suas vidas. Além disso, é um direito dos usuários apropriar-se de seu tratamento, com autonomia de decisão sobre o mesmo. Talvez pela falta deste conhecimento, identificou-se um baixo empoderamento dos usuários em relação à sua própria medicação. Com base nos relatos, acredita-se que isso se dá pela ideia de que entre médico e paciente existe uma relação de poder, onde o médico receita a medicação e o paciente deve aceitar sem questionamentos.

Acredita-se que a partir da participação dos usuários nos grupos da GAM, outra forma de comunicação sobre os psicotrópicos poderá ser vivenciada.

Conclusões

Conclui-se que a estratégia da Gestão Autônoma da Medicação desenvolvida em forma de grupos, possibilitou espaços de diálogo a respeito da experiência da medicação junto ao serviço de saúde mental, trazendo o tema da cidadania e cogestão à tona entre os usuários e o serviço.

Constatou-se também, que são necessárias mudanças nas práticas em saúde mental, no que se refere à valorização das experiências dos usuários em seu tratamento, de modo a estimular a autonomia e o poder de agir dos usuários.

Palavras-chave

Autonomia; Saúde Mental; Psicotrópicos.

Modalidade do trabalho: Relato de experiência

Evento: XV Jornada de Extensão

Referências Bibliográficas

LOPES, Tatiana. et al. The process of recovery in the perspective of persons with schizophrenia spectrum disorders and of psychiatrists working at psychosocial health care services. *Revista Saude Soc*, São Paulo, v. 21, n. 3, p. 558-571. 2012.

ONOCKO-CAMPOS, Rosana. et al. A Gestão Autônoma da Medicação: uma intervenção analisadora de serviços em saúde mental. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, v. 18, n. 10, p. 2889-2898, mai. 2013.

ONOCKO-CAMPOS, Rosana. et al. Mental health in primary care: An evaluative study in a large brazilian city. *Revista Cien Saude Colet*, v. 16, n. 12, p. 4643-4652. 2011.

ONOCKO-CAMPO, Rosana. et al. Guia da Gestão Autônoma da Medicação – GAM. 2012. Disponível em: <http://www.fcm.unicamp.br/interfaces/arquivos/ggamBr.pdf>.